

Editorial

Manobras de Guerra e de Paz

Álvaro de Vasconcelos

Esta edição de O Mundo em Português, tendo por tema central as manobras de guerra e de paz em Angola, estava já pronta a imprimir quando foi conhecida a notícia da morte de Jonas Savimbi. Os artigos foram porém mantidos quase na íntegra porque nos pareceu que nada de fundamental havia a mudar. Por maior que seja o impacto do desaparecimento do seu líder de sempre, a UNITA não desaparece com ele - nem os problemas de Angola. Se estes serão ou não agravados pela morte de Savimbi, objectivo primeiro da campanha militar em curso, depende da capacidade da UNITA se organizar como força política unitária e civil, e de o governo criar condições para isso, declarando o cessar-fogo.

A UNITA, como força representativa que é de um vasto sector da população angolana, é necessária, como MPLA, para pôr cobro à grave fractura que dilacera o país há décadas e para que a paz enfim se consolide na democracia e no respeito dos direitos do homem. O processo de paz não pode ser construído, contudo, apenas pelos dois beligerantes. Tem de envolver todas as forças representativas da sociedade angolana num genuíno processo de transição democrática.

O maior risco que corre neste momento Angola é que os que sempre apostaram na solução militar vejam a sua posição reforçada e considerem desnecessário relançar o processo de paz. Tanto mais que os ventos parecem soprar-lhes de feição, quando a administração Bush procura alternativas ao petróleo da Arábia Saudita, esse aliado recentemente passado à categoria de incómodo, que tem as maiores reservas do mundo e representou em 2001 perto de 30% das importações petrolíferas dos Estados Unidos.

Se a desconfiança americana da Arábia Saudita significa para o Iraque forte hipótese de que lhe seja movida uma guerra com o objectivo de destronar Saddam Hussein, que pode significar para Angola, que abastece mais de 5% das importações de petróleo americanas? Irá George W. Bush apoiar a democratização, questão crucial de que depende a paz, ou uma política que vise destruir completamente a UNITA em nome do combate contra o terrorismo? Uma vez que não está ligada às necessidades práticas da luta contra a Al-

Qaida, bem pode acontecer porém que Angola escape à lógica de 'realpolitik' sem princípios que tem determinado a atitude para com muitos dos aliados da coligação antiterrorista.

Pensar-se que a continuação da ofensiva militar trará a paz e a democracia não passaria de um outro equívoco, a juntar aos muitos que marcam a tragédia angolana. Poderão continuar, aliás, já sem Savimbi, as operações militares de grupos dispersos auto-financiados pelo tráfico interno de diamantes. Por outro lado, sem a UNITA, não há por enquanto alternativa ao partido único, que a chamada UNITA Renovada evidentemente não constitui. É preciso no entanto retirar ao MPLA e à UNITA o monopólio consentido pela comunidade internacional de que gozaram em Bicesse e em Lusaca, e integrar no processo negocial as forças não comprometidas com a guerra.

As esperanças de paz renasceram sobretudo porque as chamadas forças da sociedade civil e as igrejas têm muito maior peso interno e internacional. Nos últimos meses, assistimos a manobras de paz, com medianeiros internos e externos, ao mesmo tempo que se intensificavam as operações militares que por fim resultaram na morte de Savimbi. Alguns vêem nela o êxito consumado da solução militar. Muitos outros pensam, e bem, que as razões que estão na base da guerra civil, ligadas à incapacidade de o Estado angolano representar os diferentes grupos nacionais, não morrem com Savimbi. Por outras palavras, sem reconciliação não haverá paz, e só haverá paz se o Estado procurar a sua legitimidade na democracia.

Para que não se repitam os erros do passado, a comunidade internacional tem de tornar claro ao governo angolano que a morte de Savimbi não dispensa a constituição de uma plataforma interna de diálogo e fiscalização do processo político, condição para que as eleições anunciadas sejam uma etapa de uma genuína transição.